

**A CONSTRUÇÃO DE CARTOGRAFIAS INSURGENTES:  
UM RELATO SOBRE A OFICINA “DEVASSOS NO PARAÍSO, BICHAS E PUTAS  
EM UM PAÍS TROPICAL: DISCUTINDO ARQUEOLOGIAS E SEXUALIDADES”**

*Newan Acacio Oliveira de Souza<sup>1</sup>  
Vanessa Avila Costa<sup>2</sup>  
Louise Prado Alfonso<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Neste artigo, discutiremos a construção da oficina intitulada “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades”, realizada no evento “Cidades em Transe: Cotidianos em Conexão”, na cidade de Pelotas/RS. A oficina foi elaborada a partir dos aportes teórico-metodológicos da Arqueologia da Paisagem e da Arqueologia Queer e teve como foco a criação de cartografias insurgentes, que contestam as normas da ciência cartográfica e mapeiam os conflitos e as (re)existências na cidade. Estas cartografias foram concebidas enquanto formas de manifestar as vivências cotidianas das trabalhadoras sexuais e da comunidade LGBTQIA+ na paisagem do passado-presente-futuro de Pelotas. Além disso, suscitaram discussões entre as/os/es participantes sobre a luta pelo direito à cidade travadas por estas pessoas e as suas formas de resistir contra a putafobia e a LGBTQIA+fobia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartografias Insurgentes; Arqueologia Queer; Trabalhadoras sexuais; Comunidade LGBTQIA+; Direito à cidade.

<sup>1</sup> Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Bacharelado em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Integrante do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos da Universidade Federal de Pelotas (GEEUR/UFPel). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: newansouza@outlook.com.

<sup>2</sup> Bacharela em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mestra em Antropologia (área de concentração em Arqueologia) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e doutoranda em Antropologia (área de concentração em Arqueologia) pela UFPel. É integrante do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR/UFPel) e pesquisadora do Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo da FURG. Bolsista CAPES/BRASIL. E-mail: vanessaavilacosta@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da UFPel. Integrante do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR/UFPel). E-mail: louiseturismo@yahoo.com.br.

## ABSTRACT

In this article, we will discuss the construction of the workshop entitled “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades”, held at the event “Cidades em Transe: Cotidianos em Conexão”, in the city of Pelotas/RS. The workshop was developed from the theoretical-methodological contributions of Landscape Archeology and Queer Archeology and focused on the creation of insurgent cartographies, which contest the norms of cartographic science and map conflicts and (re)existences in the city. These cartographies were conceived as ways of expressing the daily experiences of sex workers and the LGBTQIA+ community in the past-present-future landscape of Pelotas. Furthermore, they led to discussions among the participants about the struggle for the right to the city waged by these people and their ways of resisting putaphobia and LGBTQIA+phobia.

**KEYWORDS:** Insurgent Cartographies; Queer Archeology; Sex workers; LGBTQIA+ community; Right to the city.

## RESUMEN

En este artículo discutiremos la construcción del taller titulado “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades”, realizado en el evento “Cidades em Transe: Cotidianos em Conexão”, en la ciudad de Pelotas / RS. El taller se desarrolló a partir de los aportes teórico-metodológicos de la Arqueología del Paisaje y la Arqueología Queer y se centró en la creación de cartografías insurgentes, que cuestionan las normas de la ciencia cartográfica y cartografían conflictos y (re) existencias en la ciudad. Estas cartografías fueron concebidas como formas de expresar las vivencias diarias de las trabajadoras sexuales y la comunidad LGBTQIA + en el panorama pasado-presente-futuro de Pelotas. Además, llevaron a discusiones entre los participantes sobre la lucha por el derecho a la ciudad que libran estas personas y sus formas de resistir la putafobia y la fobia LGBTQIA +.

**PALABRAS CLAVE:** Cartografías insurgentes; Arqueología Queer; Trabajadoras sexuales; Comunidad LGBTQIA +; Derecho a la ciudad.

## INTRODUÇÃO

Durante os dias 27 de maio a 02 de junho de 2019, na cidade de Pelotas, situada no estado do Rio Grande do Sul, ocorreu a terceira edição do Cidades em Transe. O evento é construído anualmente desde o ano de 2017, a partir dos três projetos de extensão<sup>4</sup> que compõem o projeto de pesquisa “Margens: Grupos em Processo de Exclusão e suas

<sup>4</sup> Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas”; “Mapeando a Noite: O Universo Travesti”; “Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogas/os em Formação.”

Formas de Habitar Pelotas”, do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Uma das particularidades do Cidades em Transe é a sua realização fora das dependências da Universidade, em espaços de valor simbólico, histórico e identitário para cada comunidade envolvida (COSTA *et al.*,2019). Também ocorre em locais que favoreçam o diálogo, através de rodas de conversa e oficinas com as comunidades que participam dos projetos de extensão e o público em geral.

Nesta terceira edição do evento, tivemos como temática os “Cotidianos em Conexão” e, em sua esfera, foram propostas quatro oficinas assim intituladas: “Conversas sobre Comidas e Orixás: um piquenique no Mercado Central<sup>5</sup>”; “Bruxas e Pombas-Giras: A Construção da Mulher como Mal no Ocidente<sup>6</sup>”; “Roda de Chimarrão no Passo dos Negros<sup>7</sup>” e “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades”<sup>8</sup>.

Neste artigo, traremos reflexões sobre a oficina “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical”, vinculada ao projeto de extensão “Mapeando a Noite: O Universo Travesti”. Apontaremos os momentos de construção, negociação e o contexto de sua realização, além das interações que esta propiciou entre participantes e os seus resultados.

Dessa forma, o texto que se segue será dividido em dois eixos centrais, ou melhor, em dois momentos correlatos à realização da oficina. No primeiro, propomos uma apresentação e discussão de aportes teórico-metodológicos da Arqueologia da Paisagem e da Arqueologia Queer, que embasaram a atividade realizada, os (des)caminhos que seguimos durante o processo de concepção e realização da oficina. No segundo momento, discorreremos sobre a atividade em si, suas nuances e repercussões dentro e fora do evento, em seus desdobramentos em novas formas, inclusive, de se conceber o que é o fazer arqueológico.

<sup>5</sup> Atividade realizada no dia 27 de maio de 2019 no Mercado Central de Pelotas, ministrada pelo professor e religioso André Eduardo Fonseca.

<sup>6</sup> Atividade realizada no dia 29 de maio de 2019 na Bibliotheca Pública Pelotense, ministrada pela arqueóloga e religiosa Maria Helena Lopes Sant’Anna.

<sup>7</sup> Atividade realizada no dia 02 de junho de 2019 na Sede do Osório Futebol Clube, no Passo dos Negros.

<sup>8</sup> Atividade realizada no dia 31 de maio de 2019 na Travessa Conde de Piratini, ministrada pela arqueóloga Vanessa Avila Costa e pelo arqueólogo Newan Acacio Oliveira de Souza.

## MAPAS, PAISAGENS E DIREITO À CIDADE

Como cartografar o cotidiano? Como impulsionar narrativas que não se encaixam nos limites, ângulos e projeções dos mapas convencionais? Como refletir sobre categorias como patrimônio e cidade a partir de metodologias e materiais que envolvam desenhos e riscos, suas histórias e enlaces? Como manifestar as dinâmicas das paisagens, seus conflitos e (re)existências?

Estas reflexões têm início em 2018, a partir de um trabalho cartográfico<sup>9</sup> realizado na disciplina “Cidades e suas Margens: Trajetos, Percursos e Mapas”, ministrada pela professora Louise Prado Alfonso, na qual foi pensada a elaboração de metodologias cartográficas na esfera da ciência arqueológica. A disciplina teve como foco principal a criação de cartografias que apresentassem as formas pelas quais grupos em processos de exclusão em Pelotas constroem e se apropriam da cidade (COSTA, 2020). Vários grupos foram envolvidos em diversos trabalhos cartográficos no âmbito da disciplina, tais como as/es/us moradoras/es/us da periferia de Pelotas, a comunidade de religiões de matrizes africanas, pichadores e grafiteiros, entre outros. Entretanto, daremos foco apenas ao mapa que trata das resistências cotidianas das trabalhadoras sexuais que atuam nas ruas do centro da cidade à noite, pensado a partir de um trabalho que já estava sendo realizado com elas desde 2016, no âmbito do projeto de extensão “Mapeando a Noite: O Universo Travesti”.

Cabe também ressaltar que todas as ações do projeto de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas” e dos três projetos de extensão que nele se inserem, incluindo a disciplina “Cidades e suas Margens” e a oficina que aqui será discutida, se desenvolvem a partir do entrelaçamento entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Dessa forma, enfatizamos a importância da extensão universitária, levando em conta que a Arqueologia, ao atentar para as demandas de grupos sociais em processos de exclusão e dar legitimidade às suas narrativas sobre o passado e o presente, pode trazer benefícios para estes, auxiliando nas suas lutas contemporâneas.

---

<sup>9</sup>Este trabalho foi realizado por Vanessa Costa, Martha Rodrigues, Wagner Previtali, Phellipe de Lima e Binô Zwetsch.

Na disciplina, através das críticas de Ingold (2005) aos mapas modernos e do entendimento de que a arte deve retornar aos mapas, para trazer à tona o cotidiano da vida e a relação que se estabelecem entre pessoas e paisagens, foi criada uma cartografia em desenho sobre o trabalho sexual em Pelotas. Esta seguiu os postulados teórico-metodológicos da Arqueologia da Paisagem (THIESEN, 1999, 2005; SOUSA, 2005). A cartografia ainda propôs a desconstrução do tempo linear (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2012; OLSEN *et al.*, 2012; TRAMASOLI, 2015), ao demonstrar as formas às quais a paisagem atua enquanto articuladora das diferentes maneiras de resistir das trabalhadoras sexuais no cotidiano de Pelotas, conectando o tempo presente, no futuro e no passado, frente aos processos de exclusão sofridos por elas e à invisibilidade de suas narrativas<sup>10</sup> (COSTA, 2020).



**FIGURA 1:** Cartografia em desenho sobre o trabalho sexual em Pelotas. Fonte: Acervo do Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas.

<sup>10</sup>A narrativa oficial de Pelotas é marcada pela presença de grandes homens e a riqueza do Charque, que valoriza como temporalidades a época das charqueadas que se atualiza no presente, por intermédio do tombamento dos casarões do centro histórico da cidade, que privilegia uma determinada história, classe social, gênero e etnia (ALFONSO; RIETH, 2016, p. 134).

Atribuir à Arqueologia papel de importância nessas pesquisas e suas diferentes abordagens é ir além das concepções “fundantes” dessa área do conhecimento, é buscar novos sentidos e metodologias para sua realização. Pensamos sobre paisagem, sobre seus aportes imagéticos, simbólicos, sonoros, sobre o engajamento dos corpos para consigo e é sobre esse prisma que pautamos nossas práticas enquanto arqueólogas. Desse engajamento, de entender que a paisagem é mais do que suporte e cenário da vida cotidiana (THIESEN, 1999), trazemos os desenhos e sua inquietude propositalmente pensada, para se discutir sobre os conflitos na cidade e pela cidade a partir das vivências de trabalhadoras sexuais e da comunidade LGBTQIA+<sup>11</sup>. Por paisagens entendemos que:

[...] Não são materialidades inertes que estão esperando para serem exploradas, da mesma forma que uma casa não é construída apenas para abrigar as pessoas. Elas são contextualizadas, sentidas, cheiradas, tocadas, utilizadas nos termos da identidade individual e coletiva a partir de um conhecimento cognitivo (PELLINI, 2011, p. 21).

É sobre essas paisagens que nos propomos a falar. Sobre as cidades contemporâneas e suas misturas que “são esses tempos, tramas, contextos e sujeitos em constante fluxo, movimento e negociação” (SOUZA, 2019, p. 14). A cidade de Pelotas, aqui em específico, é mais do que os doces coloniais e a pomposidade de uma elite “inexistente”. Nela também se fazem presentes as práticas de higienização dos espaços, as dinâmicas de gentrificação e tantas outras formas de violências empregadas pelo poder coercitivo do Estado (FOUCAULT, 2014).

Levando em conta que os desenhos de paisagens são formas efetivas de manifestar as vivências cotidianas das trabalhadoras sexuais e da comunidade LGBTQIA+ na cidade, suas reivindicações e lutas pela conquista de direitos, tomamos o trabalho cartográfico enquanto um projeto base para a realização de uma atividade de interação. Entendemos e refletimos acerca da população LGBTQIA+, inclusive justificando a utilização dessa sigla em específico, a partir de seus fluxos e conflitos, ambientando tais discussões aos contextos brasileiros e latino-americanos. Pensar as questões de diversidade sexual, de gênero e expressões de gênero no Brasil é compreender também que nem todas as teorias e explicações advindas de fora se encaixam.

---

<sup>11</sup>A sigla LGBTQIA+ refere-se às Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais.

Na Arqueologia brasileira, recentes debates demonstram o surgimento e a importância de um “ativismo político e acadêmico” (BANDEIRA, 2019, p. 48) a favor de temáticas relacionadas a gênero e sexualidade a partir de frentes não-hegemônicas, perspectivas que conversam com a Teoria Queer, com os estudos transviados, entre outros. Este é um campo em constante expansão que, em determinada forma, atualiza e reafirma a vanguarda dos estudos feministas e de gênero na Arqueologia. Desde uma Arqueologia Transviada (GOMES *et al.*, 2019), uma posicionalidade queer (POLO; LEITE, 2019) ou a partir de tensionamentos queer (WICHERS, 2019), estes estudos repensam as incorporações heterocisnormativas à prática do fazer arqueológico, questionando e refletindo sobre as especificidades de corpos, sujeitos/as/es e materialidades em nosso contexto. Este “movimento” acompanha, inclusive, a formação de uma nova geração de profissionais que incorporam seus lugares de fala, vivências e posicionamentos à Arqueologia.

Assim, pensar a partir da sigla (LGBTQIA+) é trazer à tona discussões sobre nossos corpos, nossas construções sociais, nossos constantes processos de colonização – econômicos, morais e epistêmicos. É apropriar-se e construir divagações sobre estas relações (GONTIJO; SCHAAN, 2017; PEREIRA, 2012; GOMES *et al.*, 2019).

Inspirados pelas leituras dos livros “Devassos no Paraíso – A Homossexualidade no Brasil da Colônia à Atualidade”, de autoria de João Silvério Trevisan (2018) e “Putafeminista”, de autoria de Monique Prada (2018), somadas às discussões sobre novas formas de pensar cartografias na Arqueologia e os debates de gênero e sexualidade, propusemos a realização da oficina “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em uma país tropical: discutindo Arqueologias e Sexualidades”. Pedimos autorização a José Silvério Trevisan para que pudéssemos utilizar o título do seu livro “Devassos no Paraíso”, já que a oficina foi idealizada a partir desta leitura, e também a arte que está na sua capa, criada pela cartunista Laerte Coutinho. Tanto o autor quanto a cartunista autorizaram a utilização do título e das artes para que pudéssemos elaborar o material de divulgação da oficina (Figura 2).



**FIGURA 2:** Arte de Divulgação da oficina “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um país Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades”, 2019. Fonte: Acervo do Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas.

Decidimos, então, elaborar o projeto que embasaria a oficina, a fim de também utilizá-lo na divulgação. Deixamos aqui uma pequena parte do texto:

Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz<sup>12</sup>.

Brasil. Um país de contradições, com uma identidade fundada no mais estapafúrdio mito da miscigenação<sup>13</sup>. Cá estamos nós, século XXI, mais de 500 anos de invasão e colhendo frutos dos mais loucos devaneios europeus importados para os trópicos, que instauraram a violência colonial. É assim que o tabu do sexo se constitui como um dos mais polêmicos e controversos aqui por essas bandas.

E elas, bichas<sup>14</sup> e putas<sup>15</sup>, onde se encaixam desde a colônia até os dias de hoje? A construção de um modelo de família pela burguesia, imposto às

<sup>12</sup> Trecho da carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao então Rei de Portugal em 1500.

<sup>13</sup> A partir do conceito de miscigenação proposto por Gilberto Freyre em seu livro publicado em 1933, *Casa Grande e Senzala* (1992), entende-se que no Brasil não existem categorias raciais duras, mas a miscigenação das três raças que o autor destaca, que são: descendentes de pessoas africanas escravizadas, indígenas e brancos. Este conceito funda o mito da democracia racial que age na tentativa de ocultação da existência do racismo e do privilégio branco no Brasil, legitimando o não combate eficaz, através de políticas públicas, à discriminação racial.

<sup>14</sup> O termo bichas aqui se refere a todo indivíduo que possui sexualidades e identidades de gênero transgressoras em relação aos padrões heteronormativos; o amplo espectro que se encaixa enquanto sujeito LGBTQIA+. Ele surge da leitura e interpretação do livro *Devassos no Paraíso - A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*, de João Silvério Trevisan (2018).



classes mais baixas, visava garantir a reprodução da mão de obra geradora de lucro, útil para a manutenção do capitalismo. Não é à toa que, no presente, o discurso conservador que enaltece a “família tradicional brasileira”, como único modelo de família, esteja sendo fortalecido pela extrema-direita. Discurso este que tem suas raízes fincadas no passado europeu colonialista e atuou na perseguição de bichas e putas – responsáveis por praticar o sexo não reprodutivo, tão condenado pelo Estado desde a Caça às Bruxas na Idade Média.

No final do século XIX e começo do XX, as paisagens da cidade, com o avanço das políticas higienistas, passaram a ser idealizadas pela burguesia através do discurso médico que tinha por objetivo invisibilizar estas pessoas, tornando-as sujeitas clandestinas. Apesar dos processos de exclusão aos quais estavam expostas, elas construíram, no passado e presente, a cidade. Pensar o urbano a partir do cotidiano de bichas e putas é refletir também sobre quem são estas pessoas e o que suas materialidades representam para elas, que sobrevivem desde a Santa Inquisição; desde o início longínquo do próprio patriarcado.

Por isso, esta oficina tem como centralidade conversar sobre bichas e putas, suas vivências, suas resistências e dialogar com elas, se assim possível. Além de tornar-se um ambiente de exposição de pesquisas sobre as temáticas por parte do ministrante e da ministrante, ocorrerá uma ação participativa-criativa que colocará a elaboração de cartografias como arte de transgressão para pensar o fazer-cidade no cotidiano.

Compreendemos que o ato de cartografar essas experiências *na, com e pela* paisagem se dá a partir de pressupostos não convencionais. Como González-Ruibal nos diz “bagunçar tempos e coisas, memórias e pessoas” (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2006, p.115)<sup>16</sup>. Dessa forma, compartilhamos de uma visão sobre cidade que se instaura nas multitudes, em extrapolar concepções como tempo, linearidade e espacialidade. Nosso intuito é que esta visão inspirasse a criação de cartografias em desenho que manifestassem vivências pessoais ou não, relacionadas às trabalhadoras sexuais e à comunidade LGBTQIA+, indo mais além do que um mapa cartesiano, amorfo ou fiel às características topográficas, mas que fosse construído pela própria inquietude que é a cidade.

Sobretudo, compreendemos, conforme Goulart (2017), que estas são cartografias insurgentes. Seu processo de construção se estabelece de forma participativa e crítica, sendo construídas por grupos subalternizados através de suas vivências e experiências em

<sup>15</sup> O termo putas se refere às trabalhadoras sexuais, a partir da leitura do livro de Monique Prada, Putafeminista (2018), onde a autora ressalta o uso da palavra “puta” pela trabalhadora sexual Gabriela Leite como sua autoidentificação.

<sup>16</sup>No original: “[...] mess of things and times, memories and people [...]” (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2006, p. 115)”. Tradução de responsabilidade das autoras e do autor.

determinados espaços da cidade. Elas contestam as normas da ciência cartográfica ocidental e mapeiam os conflitos e as (re)existências na cidade, além de serem instrumentos potentes na luta contra a putafobia e a LGBTQIA+fobia. Para o autor,

A Cartografia Insurgente é caracterizada pela demarcação espacial de espaços em disputa, de grande interesse socioambiental, econômico e cultural, com vínculos ancestrais e simbólicos. E se esses espaços são historicamente espaços de disputa e de construção de resistências dos grupos oprimidos, a ocupação desses espaços é vista e vivenciada como algo estabelecedor de raízes e identidade, além, é claro, de construção de táticas de enfrentamento ao modelo do sistema capitalista: os espaços não podem ser compreendidos sem os grupos que os construíram e suas resistências diante dos conflitos gerados pelo poder de grupos hegemônicos (GOULART, 2017, n.p.).

Sigamos pensando que além da realização da oficina, de nossas práticas enquanto arqueólogas, existem os contextos de tais empreitadas. Esse é um dos pontos a serem brevemente percorridos: as dinâmicas de negociação que nos são impostas. Cabe pensar, inicialmente, o papel da Arqueologia enquanto atenuante do efeito das relações de poder que são postas entre diferentes agentes:

O seu papel é produzir contra-narrativas a partir do reconhecimento dos patrimônios das comunidades, para trazer o sentido de representatividade aos(as) envolvidos(as). Construir, no presente, outros passados que não são aqueles dos “vultos da história” (homens brancos da elite, assumidamente heterossexuais, e cisgêneros), mas de grupos que subvertem, no cotidiano, a normatividade estabelecida por um ordenamento urbano que não pensa na sua pluralidade de ser e habitar, que lutam pelo seu direito à cidade (AGIER, 2015, p.483) e, assim, descontrolam, de diversas formas, as fronteiras que lhes são impostas (COSTA, 2018, p. 25).

A partir desses patrimônios e não-normatividades – sejam elas de gênero, sexualidades, classes sociais, raça, entre outras – que a realização desta oficina se contextualiza. Dessa forma, tecemos redes e relações, em alguns momentos conflituosos, outros não, com gestores e administradores vinculados à prefeitura. Através dessas negociações também podemos refletir sobre a perspectiva ligada ao Estado, em sua maioria representada pelas Prefeituras, Secretarias de Cultura, Secretarias de Turismo e demais órgãos, e as temáticas nas quais nos inserimos enquanto pesquisadoras/es/us.

Após criarmos o projeto da oficina, tínhamos que escolher um espaço público do centro de Pelotas para ministrá-la. Primeiramente, tentamos realizá-la no Mercado Central,

espaço que não foi disponibilizado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal, assim como outros espaços como o que compreende o entorno da Fonte das Nereidas, situada na Praça Coronel Pedro Osório, e o casarão da elite charqueadora localizado ao redor da mesma, onde atualmente funciona o Museu do Doce. Isso nos fez questionar até que ponto estes locais que se colocam enquanto “públicos” realmente os são. Afinal, para quem é a cidade? Como podemos pensá-la em suas práticas excludentes a partir dos espaços que nos foram negados? Por que temáticas LGBTQIA+ e sobre o trabalho sexual são impedidas de serem discutidas em espaços ditos “públicos” da cidade? Por que pessoas LGBTQIA+ e trabalhadoras sexuais passam por processos de exclusão nesses e em outros espaços urbanos? Foi então que decidimos tentar conseguir autorização para ministrar a oficina na denominada Travessa Conde de Piratini, situada ao lado da Bibliotheca Pública Pelotense e nas proximidades da Praça Coronel Pedro Osório. Conseguimos a autorização, porém, com algumas condições, como, por exemplo, a não danificação de ladrilhos hidráulicos durante a execução da oficina. Durante sua divulgação, uma narrativa sobre aquele espaço veio à tona. Uma mulher negra nos contou que o local, conhecido como “beco”, era um ponto de encontro da comunidade negra no passado, pois sua presença ali não era tão controlada, diferentemente de outros espaços da cidade que possuíam uma série de restrições pautadas em marcadores sociais da diferença. De fato, este foi o único espaço dito “público” da cidade onde nos foi permitido realizar a oficina. Até quando os debates envolvendo os modos de habitar a cidade pelas pessoas LGBTQIA+ e trabalhadoras sexuais, entre outros, serão empurrados para os “becos”?

Em geral, a realização do Cidades em Transe: Cotidianos em Conexão foi recheada dos mais diversos conflitos que suscitaram discussões acerca do próprio direito à cidade – relembrando essas concepções a partir de Agier (2015) e Lefebvre (2016) -, de grupos em processo de exclusão, que também são invisibilizados em narrativas oficiais de patrimônio. Nesse sentido, é necessário frisar o quão difícil foi estabelecer um local para a realização da oficina. Depois de idas e vindas, de horas marcadas, “chá de cadeira”, fomos realocados para um desses não lugares. Isso transmite parte do que o poder público e as engrenagens das relações de poder presentes no que concerne gerir e conceber o que é patrimônio na cidade de Pelotas, pensa sobre outras narrativas que não aquelas das grandes doçarias, das charqueadas, da música erudita e da dita riqueza de um passado escravocrata, que em constância se põem a um revisionismo histórico em meios de divulgação oficiais e turísticos da cidade.

## CARTOGRAFANDO CONFLITOS E (RE)EXISTÊNCIAS

Munidas/os/es de lápis de cor, pranchetas, algumas ditas teorias, bandeiras LGBTQIA+, um/dois/três ou mais livros de baixo dos braços, nos encontramos naquela tarde. Ventava incessantemente em Pelotas – como já mencionamos em outro trabalho (COSTA *et al.*, 2019) – e o público era diminuto em comparação a outras atividades realizadas naquela semana em que temperaturas e condições climáticas mais agradáveis se fizeram presentes. Entretanto, a atividade seguiu, mesmo com a possibilidade das gotas gélidas da chuva de um quase inverno. A estrutura de realização se resumiu ao público, ministrantes e os materiais de pintura e desenho (FIGURA 3)<sup>17</sup>.



**FIGURA 3:** Realização da oficina na Travessa Conde de Piratini. Ao fundo a Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas (RS), 2019. Fonte: Acervo do Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas.

<sup>17</sup>Ressaltamos que foi autorizada a divulgação das imagens pelas/os/es participantes da oficina.

Iniciamos com as discussões sobre os objetivos, de onde e como surgiu essa atividade e o que se sucederia ao longo deste momento. A proposta era que construíssemos, a partir de nossas próprias narrativas ou daquelas que conhecemos, cartografias sobre a cidade de Pelotas, que mapeassem os espaços da cidade a partir das vivências de sujeitos/as/es LGBTQIA+ e das trabalhadoras sexuais. Utilizamos como exemplo a cartografia que foi resultado das atividades da disciplina “Cidades e Suas Margens: Trajetos, Percursos e Mapas” (Figura 1) e que versa sobre as resistências de trabalhadoras sexuais na cidade de Pelotas a partir de tempos que se conectam e conversam em suas próprias nuances. Assim, observamos que muitas das cartografias construídas na oficina foram inspiradas na produção cartográfica apresentada.



**FIGURA 4:** Ministrantes da oficina apresentando a cartografia. Da esquerda para a direita, Vanessa e Newan. Ao fundo a parede lateral direita da Bibliotheca Pública Pelotense, Pelotas (RS), 2019. Fonte: Acervo do Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas.

Estas tais repercussões (a partir da cartografia em destaque na Figura 4) são sentidas pela presença, na maioria dos trabalhos realizados, do chafariz “Fonte das Nereidas” da Praça Coronel Pedro Osório, enquanto peça central ou de determinada relevância, tal como no modelo de cartografia apresentado. Os processos de ressignificação de espaços e construção de novas narrativas sobre a cidade têm um fluxo próprio e que se sucede, por exemplo, ao “rabiscarmos” vivências invisibilizadas em paredes, muros e folhas de papel pela cidade. Dito isso, além do chafariz que é ressignificado pelas travestis que exercem o trabalho sexual, a Travessa Conde de Piratini torna-se um outro lugar, onde habita novos dizeres e histórias para aquelas pessoas. Agora é também o lugar em que, em uma tarde fria e com fortes ventos, uma bandeira LGBTQIA+ foi hasteada e, ao sacolejar-se no ar, em pleno centro histórico, juntou-se às vozes destas/es/us sujeitas/os/es ao reivindicar seu direito à cidade (Figura 3).

A bandeira hasteada protagonizou alguns destes desenhos. Em outros testemunhos, as vivências pessoais se sobrepuseram na presença de certos locais, causos próprios e muitas de suas relações com ser LGBTQIA+ em Pelotas. É sobre as raízes que brotam e se conectam com o “estar na margem”, com a boca amordaçada e as violências nos espaços citadinos de pessoas trans e travestis, como uma dessas cartografias nos mostra. Um destes trabalhos cartográficos nos chamou atenção, não pela composição visual em si, mas pelas trocas de experiências proporcionadas. Este participante manteve-se reservado em boa parte da atividade, mas ao trazer seu incômodo com ela, com as temáticas propostas e, principalmente, sua impossibilidade de colocar no papel suas vivências e de outras pessoas na cidade, nos auxilia a questionar a importância de falar sobre as violências que a comunidade LGBTQIA+ e as trabalhadoras sexuais sofrem no meio urbano. Seu trabalho (Figura 5) mostra, timidamente, a presença da Parada da Diversidade em suas edições passadas na Avenida Bento Gonçalves e, mais recentes, no Largo do Mercado Público, a esquina que recebeu o nome da ativista travesti Juliana Martinelli, entre outros espaços.

Ainda é interessante perceber como os desenhos se colorem por conta da presença da Bandeira LGBTQIA+ e não pelas próprias situações. Para este participante, ao contar sobre sua experiência na oficina, a atividade o incomodou, o fez lembrar de situações de violência e discriminação vivenciadas pela cidade. Assim, seu desenho demonstra suas inquietações.



**FIGURA 5:** Cartografia em desenho realizada por um dos/as/es participantes da Oficina, 2019. Fonte: Acervo do Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas.

Ao pensar essas dinâmicas de temporalidades na cidade, tivemos uma cartografia (Figura 6) que, inspirada na cartografia apresentada no início da oficina, demonstrou essas percepções trazendo o presente, passado e futuro do trabalho sexual em Pelotas e os espaços destinados à sua realização. O bairro do Porto é apontado enquanto um desses passados. Ele traz um dos prédios da UFPel, a COTADA, como uma referência de que o passado e o presente dialogam e se cruzam. O presente se faz pelo centro da cidade, pelas ruas que durante o dia são movimentadas e barulhentas, e a noite são lares de outras vivências e relações com a cidade. O futuro se mostra em outro espaço da cidade, em frente ao Museu da Baronesa que, de acordo com o participante, é uma das localidades diferentes que começa a ser notada a presença de trabalhadoras sexuais à noite.



**FIGURA 6:** Cartografia em desenho realizada por um dos/as/es participantes da Oficina, 2019. Fonte: Acervo do Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa tarde, beirando uma “nova” cidade desenhada à noite, é que a atividade se finalizou. As trocas foram intensas e pautadas nas inconstâncias do compartilhar experiências e pô-las no papel. Estas cartografias tornaram-se manifestos das aspirações destas/es/us sujeitas/os/es, como também são fonte de inquietação sobre a invisibilidade desses grupos no traçado urbano e nas narrativas oficiais de patrimônio. Afinal, eles sempre estiveram nesses espaços, construindo-os ainda que suas presenças fossem indesejadas. Cartografar vivências que se sobrepõem entre riscos, rabiscos, sóis amarelos, luzes, sons e cheiros, violências e felicidades é contar sobre outros trajetos, cidades, bairros, muito além do que se imaginava.



Esta atividade, e seus contextos de realização, repercutiram na presença dessas cartografias no módulo expositivo do projeto de extensão “Mapeando a Noite: O Universo Travesti”, no âmbito da exposição “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”<sup>18</sup>, realizada no Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense e criada pela equipe do projeto de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”. As cartografias em desenho integraram esse módulo e suscitaram debates entre os públicos e mediadoras/es/us sobre a cidade, os espaços LGBTQIA+, as violências, a presença e resistência das trabalhadoras sexuais no cotidiano e sua luta pela conquista de direitos trabalhistas, entre outras temáticas.

Entendemos que para atribuir à Arqueologia um papel relevante ao imergir em temáticas como estas, devemos ir além das concepções “fundantes” dessa área do conhecimento e buscar novos sentidos e metodologias para sua realização. Assim, pensamos a paisagem e seus desenhos mais além de seus aportes imagéticos, simbólicos e sonoros, mas sobre o engajamento dos corpos para consigo; a sua atuação enquanto mediadora de vivências, resistências e lutas cotidianas em tempos que estão misturados (OLSEN *et al.*, 2012). É sobre esse prisma que pautamos nossas práticas enquanto arqueólogas.

As cartografias insurgentes reverberam diálogos e aproximações que nos são caras, ao demonstrar os protagonismos e presenças de sujeitos/as/es LGBTQIA+ e trabalhadoras sexuais no movimento que é a cidade. Elas são, sobretudo, cartografias arqueológicas. O meio urbano se constrói a partir destes grupos, com esses grupos e por entre as intersecções de suas caminhadas, de seus processos identitários e de luta por justiça social. Se constrói por meio das suas narrativas de reivindicação ao direito à cidade e no enfrentamento à LGBTQIA+fobia e à putafobia. Afinal, Pelotas não é apenas a cidade do Charque e do Doce. Pelotas é cidade de “viado”<sup>19</sup> e de trabalhadoras sexuais.

<sup>18</sup> Esta Exposição fez parte da Programação do Dia do Patrimônio de 2019, que ocorreu entre os dias 16 e 18 de agosto, na cidade de Pelotas. Era composta por quatro módulos expositivos: um deles realizado pelo projeto de extensão Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação; outro pelo projeto de extensão Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas; e, outros dois módulos realizados pelo projeto de extensão “Mapeando a Noite: O Universo Travesti”. O módulo em questão foi intitulado “Pelotas é cidade de viado?”

<sup>19</sup> Estas reflexões foram apresentadas no 2º Encontro de Estudos em Gênero, Sexualidade e Comunicação realizado pelo EGSC - Núcleo de Estudos em Gênero, Sexualidade e Comunicação

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. DO DIREITO À CIDADE AO FAZER-CIDADE. O ANTROPÓLOGO, A MARGEM E O CENTRO. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n.3, p. 483-498, 2015.

ALFONSO, Louise Prado.; RIETH, Flávia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: SCHIAVON, Camen Burget (Org.); PELEGRINI, Sandra de Cássia (Org.). **Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios**. 1ed. Rio Grande: Ed. da FURG, p. 131-147, 2016.

BANDEIRA, Arkley Marques. A teoria Queer em uma perspectiva brasileira: escritos para tempos de incertezas. **Revista Arqueologia Pública**, v. 13, n. 1[22], p. 34–53, 2019.

COSTA, Vanessa Avila. Arqueologia das margens: pensando paisagens e fronteiras. **Tessituras**, Pelotas, v.6, n.1, p. 21-28, 2018.

COSTA, Vanessa Avila; SOUZA, Newan; ALFONSO, Louise Prado. Um relato sobre a oficina “Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades” realizada no evento Cidades em Transe. **Anais do VI Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL**. Pelotas: EDUFPEL, 2019.

COSTA, Vanessa Avila. **As Manifestações das Paisagens Ocultadas**: Arqueologia da Pelotas de Trabalhadoras Sexuais. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, p. 162, 2020. (Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

GOMES, Khala Anderson de Oliveira.; TAVARES, Natália de Oliveira; SOUZA, Newan Acacio Oliveira de. Arqueologia e teoria queer: por uma arqueologia transviada. **Revista Arqueologia Pública**, v. 13, n. 1[22], p. 280-299, 2019.

GONTIJO, Fabiano de S.; SCHAAN, Denise Pahl. Sexualidade e Teoria Queer. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 2, p. 51-70, 2017.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. The Past is Tomorrow. Towards an Archaeology if the Vanishing Present. **Norwegian Archaeological Review**, v.39, n.02, p. 110-125, 2006.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Hacia outra arqueología: diez propuestas. **Complutum**, v. 23, n.2, p. 103-116, 2012.

---

/UFPel em 2019. Apresentação intitulada “Tu já ouviu falar que Pelotas é cidade de viado? Reflexões sobre a Comunidade LGBTI+, Patrimônio e Extensão Universitária”, de autoria de Newan Acacio Oliveira de Souza, Felipe Aurélio Euzébio e Louise Prado Alfonso.

GOULART, Fransérgio. Cartografia Insurgente – Quem constrói nossos mapas somos nós! **Canal Ibase**, 2017. Disponível em: <http://www.canalibase.org.br/cartografia-insurgente-quem-constrói-nossos-mapas-somos-nos/>. Acesso: 11 jun. 2021.

INGOLD, Tim. Jornada ao longe de um caminho de vida: mapas, descobridor-caminho e navegação. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 25, n.1, p. 76-110, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2016.

OLSEN, Bjorn; SHANKS, Michel; WEBMOOR, Timothy; WITMORE, Christopher. **ARCHAEOLOGY: the discipline of things**. Berkeley: University of California Press, 2012.

PELLINI, José Roberto. Onde Está o Gato? Realidade, Arqueologia Sensorial e Paisagem. **Revista Habitus - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 9, n. 1, p. 17-32, 2012.

PEREIRA, Pedro Paulo. Queer nos trópicos. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v.2, n.2, p. 371-394, 2012.

POLO, Mario Junior; LEITE, Lúcio Flávio Siqueira Costa. Os sapatos de Scarlett: o corpo na Arqueologia Amazônica, e os caminhos desenhados por uma posicionalidade Queer. **Revista Arqueologia Pública**, v. 13, n. 1[22], p. 180–198, 2019.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Editora Veneta, 2018.

SOUSA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e a Potencialidade Interpretativa dos Espaços Sociais. **Revista Habitus – Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v.3, n.2, p. 291-300, 2005.

SOUZA, Newan Acacio Oliveira de. **Onde estão as bacabeiras na cidade das bacabas?** Arqueologia das paisagens e seus palimpsestos em uma capital no meio do mundo. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, p. 104, 2019. (Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Arqueologia) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

THIESEN, Beatriz Valladão. **AS PAISAGENS DA CIDADE: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 341, 1999. (Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

THIESEN, Beatriz Valladão. **Fábrica, Identidade e Paisagem Urbana: Arqueologia da Bopp irmãos (1906-1924)**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 264, 2005. (Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TRAMASOLI, Felipe Benites. **ARQUEOLOGIA DA CIDADE CINZA: paisagem e discurso na cidade do Rio Grande**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 416, 2015. (Programa de Pós-Graduação em Arqueologia) – Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso** – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. Arqueologia, museus e identidade cultural: tensionamentos queer. **Revista Arqueologia Pública**, v. 13, n. 1[22], p. 199–2017, 2019.

---

Recebido em: 16/11/2020  
Aprovado em: 15/05/2021